

LUTAS NA ESCOLA: VALIOSA FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA O SEGUNDO SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL

ESP. THIAGO DE SOUSA ROSA (1) (2)

DR. RICARDO RUFFONI (2) (3)

MS. IVAN LUNA (4)

(1) Centro Integrado de Saúde Popular – CISP, RJ, BRASIL.

(2) Equipe Ruffoni de Judô, RJ, BRASIL.

(3) Centro Universitário Celso Lisboa – CEUCEL, RJ, BRASIL.

(4) Centro Universitário UNIABEU, RJ, BRASIL.

Rio de Janeiro/RJ – Brasil

thiago.rosaef@gmail.com

INTRODUÇÃO

As lutas inseridas no espaço escolar são comumente adotadas apenas como atividades extracurriculares, o que restringe sua prática apenas àqueles que tiveram algum contato anterior que justifique a sua busca como atividade extra. Isso decorre muitas vezes do fato da escola não enxergar seu potencial educativo e principalmente do próprio profissional de educação física não se sentir apto a ministrar essa atividade durante as aulas.

Além da opção da prática de alguma modalidade específica da luta de forma extracurricular, o uso das lutas como atividade no seu conceito mais amplo durante as aulas de educação física escolar, pode oferecer conteúdos que aumentam o arcabouço de experiências e vivências essenciais para a criança no seu desenvolvimento pleno.

A minimização do valor educacional desse instrumento e a dificuldade do manejo desta atividade nas aulas de educação física decorrem também de uma formação acadêmica inadequada, voltada às práticas corporais com ênfase em modalidades esportivas.

Isso criou no educador físico a idéia de que para usar as lutas em aula precisa-se de experiência esportiva em alguma dessas modalidades. Vale salientar que quando discutimos a temática das lutas na educação física escolar não falamos de ministrar nenhuma modalidade esportiva em si, e sim do conceito mais amplo definido nos PCN's.

Nesse contexto, obter informações que contribuem para a valorização da luta como instrumento pedagógico dentro da escola, pode trazer benefícios que transcendem a educação física atingindo também outras esferas educacionais. Esses ganhos podem reafirmar não somente a importância de seu uso como atividade esportiva extracurricular, mas principalmente na aula de educação física como instrumento pedagógico, através de uma tomada de consciência por parte do profissional de educação física.

OBJETIVO

O Objetivo do presente estudo é analisar as possibilidades pedagógicas que os conteúdos de lutas podem ter na escola e contribuir na formação dos alunos do segundo segmento do ensino fundamental.

METODOLOGIA

A metodologia de natureza descritiva foi realizada através da revisão de literatura de autores conceituados na área da educação física e relacionados à temática das lutas e da educação física escolar, buscando um referencial teórico e sistematizando as questões do referido tema.

A fim de alicerçar o tema foram reunidos nesse estudo e comparados, os conceitos norteadores da educação física contemporânea e sua vertente escolar, tendo como base a

cultura corporal do movimento e como pano de fundo o processo de transformação histórica da educação física escolar.

RELEVÂNCIA

Considera-se este estudo de grande relevância pela necessidade dos profissionais de educação física ampliarem as suas ferramentas pedagógicas, utilizando os conteúdos das lutas em suas aulas na escola. Dessa forma quebrando o paradigma da educação física escolar que se concentra, apenas, no famoso quarteto fantástico: futsal, voleibol, basquetebol, handebol.

REVISÃO DE LITERATURA

➤ Educação Física Contemporânea

A evolução da pedagogia no sistema educacional, impulsionada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's 1997) nos trouxe a um novo momento da educação física. Conquanto contemporânea seja essa realidade, não absteremos que a mesma é resultado de longa e árdua jornada transformadora, moldada através de anos de relações e influências sóciopolítico-esportivas.

Os (PCN's 1998) afirmam que no século XX, a educação física escolar brasileira, sofreu influências de diferentes correntes filosóficas, tendências políticas, científicas e pedagógicas. Essas influências foram ora provenientes da filosofia positivista, da área médica (higienismo), de interesses militares (nacionalismo, instruções pré-militar), ora acompanhou as mudanças no próprio pensamento pedagógico (a vertente escolar novista da década de 50). Falando sobre os esportes, Tubino (1998) esclarece: “eles se inserem no campo das relações sociais, políticas, culturais e econômicas como objeto de lutas e tendo como pano de fundo, na busca de expansão e desenvolvimento o processo de modernização da sociedade.”

Ruffoni (2004) cita que a educação física passa por um momento de mudança de paradigma; de uma educação biologizante, desportivizante, tecnicista, para uma pedagogia direcionada para a cultura corporal do movimento. Essa mudança no foco educacional nos transcende, professores de educação física, a valores que vão além da simples prática esportiva, transportando-nos de meros coadjuvantes no processo educacional a importantes atores na formação cidadã dando autonomia na prática e planejamento pedagógico escolar. Ao delegar autonomia para a construção de uma proposta pedagógica integrada, a nova lei responsabiliza a própria escola e o professor pela adaptação da ação educativa escolar às diferentes realidades e demandas sociais (PCN's – Educação Física, 1998).

Essa liberdade é de fundamental importância para que os professores junto à escola possam respeitar e se adaptar aos valores, códigos e crenças, ou seja, realidade cultural da comunidade que os rodeiam e atuar como agentes transformadores dessas crianças.

➤ Cultura e Cultura Corporal do Movimento

Cultura é o conjunto de códigos simbólicos reconhecíveis pelo grupo, e é por intermédio desses códigos que o indivíduo é formado desde o nascimento (PCN's, 1998). Malagodi & Cesnik (2001) afirmam também que “a cultura está tão ligada à vida do homem que sem ela o desenvolvimento do ser humano jamais seria possível”.

Neste sentido estabelece o vínculo do indivíduo com o seu meio cultural e o quanto eles se completam, fica evidente que a educação é um processo individual e ao mesmo tempo coletivo, logo deve ser enxergada dentro de um contexto de interação social e não individual. Aristóteles já afirmava: “não existe ciência do individual”.

Morin (2000) nos diz que a educação do futuro exige um esforço transdisciplinar capaz de romper com a oposição entre natureza e cultura. Ainda segundo Sérgio (1997) “o fenômeno humano é constituído de natureza, cultura, objetividade e subjetividade, imanência e transcendência”. Assim educar necessita ser um ato global, encarado com uma visão holística e não unicamente direcionada para um determinado segmento corporal.

Torna-se incontestável a seriedade com a qual o profissional da área pedagógica, mais especificamente o professor de educação física, deve trabalhar seus conteúdos. Observa-se, planejando e adaptando as suas aulas de acordo com as exigências locais e os parâmetros culturais da comunidade ao qual o aluno estiver inserido.

Não podemos ignorar o novo papel ao qual fomos requisitados e continuar a encarar a prática esportiva na escola de maneira tecnicista e seletiva e na robotização de movimentos paradigmáticos, sem nos preocuparmos com a cultura e a inclusão na cultura corporal do movimento. Torna-se imprescindível por meio da cultura que o indivíduo desenvolva os seus valores, com influência direta e indireta no comportamento, atitudes e conceitos da criança. O aluno deve ser o fim do processo e não podemos chegar ao fim ignorando o meio.

A transmissão desse arcabouço cultural é em grande parte responsabilidade do professor, que como agente formador de opinião e espelho social para a criança, deve agir segundo os princípios e valores morais e culturais que regem aquele grupo. Valorizar os aspectos positivos e gerando transformações nos aspectos negativos da cultura local.

➤ Lutas como instrumento pedagógico

A busca pela formação integral da criança nos impõe desafios que trazem sentido a nossa jornada acadêmica, nos levando a uma educação continuada a fim de somar conhecimento e ferramentas que nos auxiliem nessa árdua, porém prazerosa tarefa. No anseio de oferecer experiências e vivências variadas aos alunos, a luta pode nos servir como instrumento determinante para a autodescoberta, bem como, um meio de desenvolvimento da mobilidade (Motta & Ruffoni, 2006). Na versão do autor Ruffoni (2004), os PCN's (1998) determinam e valorizam a participação dos alunos em jogos, lutas e esportes inseridos no contexto escolar, seja de forma recreativa ou competitiva. O referido documento destaca que: "Num país em que pulsam a capoeira, o samba [...], entre outras manifestações, é surpreendente o fato de a educação física, [...] ter desconsiderado essas produções de cultura popular como objeto de ensino e aprendizagem". (p.71 e 72).

A definição de lutas segundo os PCN's (1998) são disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusões, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Nesse contexto as lutas podem ser facilmente trabalhadas em meio às aulas através de jogos e brincadeiras, ficando a cargo da criatividade do professor adaptar essa prática dentro das suas aulas.

Darido e Rangel (2005) destacam a importância de se desenvolver os conteúdos da educação física escolar, por meio das dimensões: conceituais, atitudinais e por fim procedimentais. Onde podemos citar alguns exemplos na prática das lutas na área procedimental como capacidade de agir e adaptar-se inseridas numa gama de deslocamentos e condutas motoras que irão sendo aperfeiçoadas no decorrer das aulas. A imagem do corpo no espaço, desenvolvimento da sua percepção espacial, equilíbrio, postura, empurrar, imobilizar, coordenação, dentre outros.

Na área atitudinal temos o controle das emoções, o contato direto, a oposição, para combater é preciso tocar no colega, ganhar, ter prazer, a formação do caráter, disciplina interna, aceitar ser projetado sob o corpo do outro, controle das emoções nas derrotas e temperar nas vitórias, proporcionar nas crianças, prazer e alegria em confrontar, a canalização da agressividade, respeito às regras etc. e por fim na dimensão conceitual o pensamento da construção da observação, processo de avaliar, comparar e a elaboração de regras. Estabelecer uma relação entre o saber fazer (ação) com os resultados, organizar suas ações, professor/alunos, organização das regras por troca de diálogo e experiências.

Essas atividades devem apenas se ater a regulamentos que sejam capazes de punir atitudes de violência e de deslealdade, acrescentando valores morais e éticos à prática. Podemos adotar como exemplos de lutas desde jogos e brincadeiras como o cabo-de-guerra, o

braço-de-ferro, o sumô, o ranca-rabo, até práticas mais complexas da capoeira, do judô e do caratê.

De todas as formas as lutas poderão ser ricas ferramentas para o desenvolvimento da motricidade humana, pois que não se limitam a movimentos naturais e exigem em sua maioria, gestos mais elaborados de seus praticantes. Além de sua importância motora, elas normalmente são acompanhadas de uma grande carga filosófica, como é o caso do judô, e cultural onde podemos citar também a capoeira. Esses valores aprendidos no esporte são facilmente refletidos e colocados à prova na vida diária da criança, onde ela se depara com situações de insegurança, medo, descontrole, agente canalizador da agressividade, nível de ansiedade, dentre outras.

Motta & Ruffoni (2006) afirmavam que “as lutas, não são somente técnicas físicas para o corpo, mas também um princípio filosófico para o fortalecimento do espírito”. Cabe ao professor, portanto, fundamentado em base científica, operacionalizar essa prática associada à cultura corporal e despertar tais valores estes, que certamente levaram a criança a desenvolver não só a técnica, mas principalmente sua cognição e suas concepções atitudinais.

➤ As Lutas no Segundo Segmento do Ensino Fundamental

O segundo segmento do ensino fundamental, que compreende do 6º ao 9º ano, antigas 5ª a 8ª série, atende em média crianças da faixa etária de 11 a 15 anos. De acordo com os PCN's de Educação Física (1998), o trabalho nas séries finais do ensino fundamental é de grande relevância na medida em que possibilita aos alunos uma ampliação da visão sobre a cultura corporal do movimento, e assim, viabiliza a autonomia para o desenvolvimento de uma prática pessoal e a capacidade para interferir na comunidade, seja na manutenção ou na construção de espaços de participação em atividades culturais, de acordo com o bloco de conteúdos exposto; como jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças, com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções (PCN, 2007).

A inserção da prática esportiva e da cultura corporal do movimento neste segmento escolar, ganha maior valor, pois é nessa faixa etária, segundo estudo de campo realizado por Neves (2002), que a motivação ao aprendizado é mais intrínseca. Guimarães (2001) acrescenta que assim, esse aluno envolve-se em atividades que oferecem a oportunidade para o aprimoramento de seus conhecimentos e de suas habilidades, por quanto o indivíduo extrinsecamente motivado realiza uma tarefa escolar apenas para melhorar suas notas, ou para conseguir prêmios e elogios.

O mesmo autor, Guimarães (2001), completa que no contexto escolar, as atividades devem ser aplicadas de maneira a desenvolver os elementos promotores da motivação intrínseca. Jogos que despertem a curiosidade, o espírito de desafio nos alunos são promotores da motivação intrínseca. Marco e Junqueira (1993) consideram que cabe observar que a motivação nos esportes é determinada, por um lado, pelas possibilidades específicas do esporte como campo de ação e de vivência, e por outro lado, pela influência dos aspectos motivacionais específicos da personalidade.

Nessa faixa etária, que compreende o segundo segmento do ensino fundamental, a luta pode ser trabalhada de diversas formas inclusive com predominância do método parcial, o que valoriza a prática da modalidade de maneira mais complexa. Esta pode ser desenvolvida dentro do âmbito escolar como um desporto ou apenas como um jogo recreativo, ficando a cargo do professor essa escolha de acordo com o momento e o perfil da clientela dentro do contexto da cultura corporal.

O contato direto promovido pelas lutas entre os indivíduos desse segmento é de fundamental importância, considerando que esta fase corresponde em maioria ao início da puberdade. Nesse período as modificações corporais notadas em indivíduos de ambos os sexos, despertam receios e curiosidades acerca do outro. A abordagem dos temas transversais PCN (1998), em especial a sexualidade torna-se fundamental e pode ser feita através de perguntas pré-operacionalizadas no decorrer das aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de um breve resgate histórico, foi possível identificar o modelo de educação física contemporâneo que toma como base e princípio norteador a cultura corporal do movimento. Assim, foi possível analisar e concluir a relevância da luta como instrumento pedagógico e difusor da cultura corporal.

Mais do que uma simples opção, as lutas se mostraram ferramenta valiosa em todos os níveis escolares, especialmente no segundo segmento do ensino fundamental. Além de oferecerem um arcabouço infinito de possibilidades motoras, o que valoriza seu uso nessa faixa etária, as lutas de uma forma geral carregam em si uma forte carga filosófica, além de princípios morais e éticos tão raros hoje, o que acrescenta ainda mais valor a sua prática.

Concluimos também que esse precioso instrumento não deve ficar restrito apenas às atividades extracurriculares e sim deve ser levado para dentro das aulas de educação física. Não se espera que o professor dê aula de nenhuma modalidade específica de luta, mas sim que o mesmo seja capaz de entender o conceito defendido pelos PCN's (1998) e autores relevantes, adaptando a prática ao âmbito das aulas de educação física escolar. Assim o mesmo será capaz de transportar para as suas aulas os princípios que fazem das lutas uma aliada tão rica na árdua tarefa de educar além de proporcionar uma quebra paradigmática da robotização de movimentos e sim norteada para os princípios da cultura corporal do movimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física – V.7.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física.** Secretaria de Educação Fundamental - Brasília: MEC/SEF, 1998.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola:** implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DE MARCO, A; JUNQUEIRA, F. C. Diferentes tipos de influências sobre a motivação de crianças numa iniciação esportiva. In PICCOLO, V. L. N. (org.), **Educação Física Escolar: ser ou não ter?** Campinas, SP: Editora da UNICAMP. 1993.

GUIMARÃES, S, E, R. A organização da escola e da sala de aula como determinante da motivação intrínseca e da meta aprender. In E. Boruchovith & J.A Bzuneck (Orgs) **A motivação do aluno:** Contribuições da psicologia contemporânea. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MALAGODI, M & CESNIK, F.S. **Projetos culturais, elaboração, administração, aspectos legais. Busca de patrocínio.** 4 ed. SP: Escrituras, 2001.

MORIN, Edgard. **Os setes saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina e Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya: Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MOTTA, Alexandre; RUFFONI, Ricardo. **Lutas na infância:** uma reflexão pedagógica. Rio de Janeiro: Labesporte, 2006.

NEVES, Lúcia Maria W.(org). **O empresariamento da educação:** novos contornos do ensino superior no Brasil dos anos 1990. São Paulo: Xamã, 2002.

RUFFONI, Ricardo. **Análise metodológico da prática do Judô**. Mestrado em ciência da Motricidade Humana – Universidade Castelo Branco – UCB, Rio de Janeiro, 2004.

SÉRGIO, M. **Motricidade Humana: liberdade e transcendência**. Revista episteme Ano 1, Nº1, Dez/Jan. 1997.

TUBINO, M.J.G. **Teoria geral do esporte**. São Paulo: Ibrasa, 1987.

_____. **O que é esporte**. 1 reimpressão. São Paulo; Brasiliense, 1999.